

FOLHA DA MANHÃ

SEMANARIO POLITICO E NOTICIOSO

EDITOR RESPONSAVEL—M. José d'Oliveira

BIBLIOTECA

ANNO III

Assignaturas

Trimestre 360 rs.—com estampilha 400
Semestre 720 " — " 800
Anno 1440 " — " 1600
Avulso 40 " — " 12 1/2

BARCELLOS

QUINTA-FEIRA, 23 DE MARÇO DE 1882

Publicações

Corpo do jornal 40 rs.
Secção d'annuncios 30
Repetição 20
Corresp. franca de porte à Redacção da
FOLHA DA MANHÃ

N.º 138

EXPEDIENTE

É nosso unico agente em Allemanha, França e Italia, o sr. ADOLF STEINER — Hamburgo.

BARCELLOS, 22

A situação

O projecto financeiro do governo, relativo aos cereaes, farinhas, assucar, chá, petroleo e bebidas espirituosas, está em discussão na camara dos pares. A dos deputados já discutiu e approvou tambem o projecto dos caminhos de ferro de Cintra e Torres, e da sua continuação para a Figueira e para entroncar com a linha do norte em Alfarellos. Este projecto consta de duas partes distinctas. Pelo art. 1.º é approvado o contrato para a construcção da linha de Torres e ramal de Cintra, sem subvenção nem garantia do estado. A vantagem d'este contrato é incontestavel. Esta linha ligando á capital a villa de Cintra e o centro da productiva região vi-

nicula de Torres Vedras, é de um immenso alcance economico para Lisboa. Pelo actual contrato obtem-se gratuitamente um importantissimo melhoramento que pelos projectos apresentados pela situação politica anterior sómente se obtinham com sacrificio do thesouro e dos contribuintes. Só o espirito partidario pôde combater um contrato d'esta ordem, cuja realisacção está de mais a mais garantida por um deposito, o que não aconteceria se apenas se tratasse de um projecto, que poderia não ser realisavel nas condições propostas.

O sr. Dias Ferreira propunha que o contrato para a linha de Torres e Cintra, apesar de gratuito, fosse posto a concurso, sendo adjudicado a quem offercesse tarifas mais vantajosas para o publico. O inconveniente visivel d'esta proposta era que, approvada ella, cessava o compromisso do deposito dado como caução pelo actual concessionario provisório, e arriscavamos a pôr a concessão em concurso e a não acharmos quem a quizesse, como

tenha succedido por mais de uma vez em casos semelhantes. E' caso tão estranho hoje na Europa continental achar capitães para a construcção de uma linha de caminhos de ferro sem subvenção nem garantia do estado, que seria condemnavel que nos arriscassemos a perder o que é bom e certo na esperanza de obtermos o que poderia ser optimo mas que seria mais do que problemático. A proposta do illustre chefe constituinte não seria de um homem pratico, se fosse sincera.

A segunda parte do projecto do governo é apenas uma autorisacção para a continuacção da linha de Torres a contratar com a companhia do Norte e Leste mediante uma garantia de juro. O sr. ministro das obras publicas declarou que tinha recebido uma reclamacao da companhia do caminho de ferro da Beira, que julga que o ramal de Alfarellos para a Figueira é offensivo dos direitos garantidos pelo seu contrato, por ser a ligacção de Coimbra com a Figueira por aquelle

ramal uma linha parallela dentro da zona de 40 kilometros. O sr. ministro das obras publicas accrescentou que a sua opiniao era que não tinha fundamento aquella reclamacao, mas que a resolução d'ella competia a um tribunal arbitral. Em virtude d'isto propoz a commissão um additamento, que foi approvado pela camara, para que no caso de uma decisao arbitral favoravel á companhia da Beira, a concessão se não verificasse, nem houvesse indemnizacao a pagar por aquelle motivo á companhia de Norte e Leste.

Esta discussao correu animada mas tranquilla e digna de um parlamento em que se discute com razoes e não com declamacoes e diatribes. Por parte da opposicao trataram o negocio á altura da sua importancia os srs. Saraiva e Mariano de Carvalho. A situacao era difficil para estes oradores que tinham na sessao passada defendido um projecto muito menos defensavel, e por isso impugnam o projecto actual com moderação, sem dei-

xarem de o fazer com habilidade. Por parte do governo defendem vantajosamente a questao o sr. ministro das obras publicas e o sr. Fuschini, relator da commissao. Entraram tambem no debate dois novos oradores da maioria, que revelaram dotes de intelligencia, de instrucção, até de habilidade parlamentar, e que vieram confirmar a opiniao de que o nivel intellectual d'esta camara pelas novas acquisicoes é superior ás que immediatamente a precederam.

Na camara dos pares a discussao, que já leva duas sessoes, acerca do primeiro projecto do governo, dá indicios de que alli a opposicao será principalmente impeditiva. No primeiro dia fallou o sr. Pereira de Miranda, e posto que entrasse em muitas consideracoes geraes sobre a questao financeira, não deixou de tratar a materia. Respondeu-lhe o sr. Fontes. No segundo dia só fallou o sr. Pereira Dias, e o seu estirado discurso pareceu ser francamente obstruccionista. Esta demora na discussao de uma lei

FOLHETIM DA FOLHA DA MANHÃ

1

PELO CAMPO ALHEIO

RETALHOS

HISTORIAS

O dote de Leopoldina

A Fidalguinha lhe chamavam na aldeia; e nunca o povo na sua linguagem simples, instinctiva, na sua subtilidade de creanca, tinha classificado tão bem as maneiras distinctas, gentis, bondozas, d'ella, de Leopoldina.

Era fidalga, era; mas aquella —inha— affectuoso do povo, não já reflexivo á creanca, mas sim á mulher, era a benção protectora, carinhosa, com que todos lhe pagavam a bondade do coração, dos modos, das palavras, alliada á maior fidalguia das maneiras.

Não que ella fosse rica, pelo contrario, pobre e bem pobre; mas para tudo era a Fidalguinha.

Se não havia quem fizesse uma caricia, desse um conselho, vestisse uma noiva, como ella?!

Se não havia quem lesse tão bem, dissesse tão bonitas palavras, que pareciam ir mesmo direitas ao coração?!

Uns namorados andavam arrufados? o marido não ia para o tra-

balho? queriam comprar-se umas arrecadas?

Vamos á Fidalguinha.

E para tudo era assim, ella, uma parte da aldeia, como a igreja, como a santa do eremiterio.

Viviam sós, ella e o pae, n'uma casa antiga como estas que ainda hoje se encontram pelas provincias; uma casa triste, fria, a cair, que gelava a alma de ver-se. Não que lhe faltassem primores architectonicos, vastas salas onde a voz tomava sonoridades magestosas; mas tudo lão despido, lão arruinado, com este cunho particular que o tempo imprime a tudo o que é grande, que o espirito sentia-se atribulado por aquella magestade moribunda. Mas, não sei o que era.

Quem ao sair da aldeia, avistada aquella casa perdida entre meia duzia de arvôres frondosas, banhava por um sol claro, limpido de primavera, parava e ficava-se á contemplar aquella janella, toda cheia de gorgeio de aves, de perfume de flores, matizadas de horas e festões, onde Leopoldina estava a maior parte das vezes, ora costurando, ora em doce convivio com as azevinhas, suas irmãs.

E o espirito começava a imaginar um mundo de alegrias, ali, n'aquella casa que se tornava pequenina, branca, —um jardim de flores, uma casa de namorados; e mais d'um suspiro de saudade fazia arfar o coração n'um desejo intimo, sentido, com pena de deixar

aquelle quadro que enlevava a alma n'um bem estar delicioso.

Se era ao fim da tarde, n'este periodo transitivo da luz para as trevas, em que as sombras da noite começam a envolver tudo nas suas pregas phantasticas e a natureza a mergulhar-se pouco e pouco n'um silencio saudoso; a essa hora das saudades, dos pensamentos vagos, das idealisacões dos poetas, a hora de quem sofre, a hora de quem sente, aquellas vastas salas, perdidas já no escuro da noite, tomavam o aspecto d'um templo antigo; Leopoldina e o pae, atravessando-as a passos vagarosos, pareciam duas telas animadas que se tivesssem desprendido da parede para virem receber o templario esperado; —uma magestade que impunha, que levava os pensamentos para essas epochas passadas, perdidas com a sua grandeza na bruma dos seculos.

Devia viver-se ali bem, no seio d'aquella familia, n'aquella casa. E vivia-se; e viviam ambos unidos, muito unidos, como duas plantas entrelaçadas; ella acolhendo o alvoro da sua mocidade á sombra d'aquelle velho respeitavel que a queria, estimava... como um velho estima e quer ao sol que lhe aquece os membros enregelados.

De quando em quando vinha uma sombra toldar aquella felicidade: uma sombra, um receio que mais os unia, mais os estreitava. Era quando o velho adoecia.

E uma doenca n'aquella idade...

que tristeza, que afflicções, e como ella sabia desfazer as lagrimas em sorrisos mentirosos com que consolava o pobre velho, o cuidava, enganando-o, enganando-se a si! E elle, agarrado á vida só por aquelle laço, como se prendia a ella, que parecia um milagre de Deus!.. Se viviam unicamente um para o outro, amparados um ao outro, necessarios mesmo?!.. Ah! se um d'elles faltasse, o outro ficaria assim como um quadro a que o tempo tivesse consumido as côres— uma fonte sem agua, uma planta sem sol.

Ah! se ella não fosse pobre, se a deixasse casada, visse ainda um netinho a saltar-lhe nos braços, retemperar a vida na aurora d'uma creanca!.. pensava a miudo o pobre velho.

E aquella ideia perseguia-o como o aguilhão d'um desejo, como o affinco d'uma esperanza; e não era raro vel-o a contemplar a filha, n'uma contemplação muda, dolorosa, cheia de tristezas, que as muitas caricias d'ella mal podiam dissipar.

E's pobre, é's pobre!.. — murmurou elle todo contristado, como a pedir-lhe perdão d'aquella pobreza; — e aquelle —E's pobre, é's pobre—era a unica queixa d'esse longo martyrologio, uma epopeia de angustias, manifestadas a cada momento, todos os dias.

Leopoldina affligia-se, soffria com aquillo. Não que ella se queixasse do amargo da sua existencia, não que ella receasse o futuro... mas

queria-a muito ao pae, muito, e aquelle velho era para ella o unico laço que a prendia á vida.

E o pae, seria o unico laço que a prendia ao sentimento? Nunca na sua imaginacão se teria formado um sonho de virgem? Nunca aquelle coração teria palpitado a um outro amor, senão o filial?

Ninguem o poderia dizer ao certo; mas quem a visse estar horas e horas com as mãos quedadas no trabalho, os olhos perdidos n'uma contemplação languida, amorosa, o seio elevar-se em ondulações suaves, palpantes de ternura, uma certa melodia na voz, um abysmo de espirito, como a evocar palavras longiquas, scenas distantes: quem a visse empallidecer, tremer-lhe a voz como um trinar de rouxinol, e sahirem-lhe dos labios umas palavras soltas, quasi timidias, como timido era o olhar, ao ver Fernando, dizia que sim.

Fernando era um rapaz novo ainda, intelligente, uma d'estas naturezas superiores, alma de poeta, que vivia de dar lições de francez. Amavam-se elles?

Nunca tinham trocado uma palavra amorosa; —uma vez uma simples flor, outra um aperto de mão mais demorado; mas os olhos quando se encontravam diziam o que não diziam os labios, o que não diziam as palavras, o que talvez elles mesmo ignoravam.

(C. P.)

JULIO COSTA

(continua)

que altera os direitos de generos importantes de consumo é sempre prejudicial á fazenda. Em 1879 a eterna obstrucção do projecto sobre o tabaco fez perder ao thesouro muitos centenas de contos de réis. Agora o prejuizo está longe de ter a mesma importancia, mas não deixa de ter alguma, e a camara dos pares não se immortalisa com este procedimento.

Assim o diz a «Correspondencia de Portugal».

Os sanguessugas

E' chegada a occasião de dizer a verdade por mais amarga que seja, por mais dura que pareça.

Seria em nós um crime imperdoavel, se fizéssemos calar a voz da consciencia que brada indignada contra esses, a quem um sordido egoismo já ha muito lhe fez perder todos os brios e todos os sentimentos de seriedade e honradez.

Não seremos nós os primeiros a expôl-os á execração publica, primeiro que nós, foram os seus actos immoralissimos e agora mais do que nunca o seu cynismo e audacia de quererem estender a tudo o seu dominio, e terem nas suas mãos os destinos d'esta terra ameaçando com um poder superior todos aquelles que se não vingarem a sua suprema vontade.

Bem sabemos que vamos acarrretar sobre nós enfurecidos odios, mas isso pouco nos importa, superior a tudo está o imperioso dever d'aquelles que militam no honroso sacerdocio da imprensa de dizer do alto d'esta tribuna sagrada a verdade, e dizel-a sem rodeios, nem intenções occultas.

Não passaram muitos dias depois que o governador civil d'este districto tomou posse do lugar, que os thuribularios officiosos não corressem logo aos seus pés para lhe offerecer o seu pódre incenso e os seus serviços desinteressados inculcando sempre os altos merecimentos e importancia das suas pessoas.

Admittidos uma vez ao colloquio, devido isto mais a um dever de civilidade do sr. governador civil do que á importancia que lhes liga, vemol-os agora quasi sempre permanentes ao seu lado, e seguros á sua casaca para serem ouvidos e servidos em tudo, e, por vontade ou sem ella, o remedio é ouvil-os por que não ha principios de delicadeza que os faça despegar. É isto justamente o que tem dado azo a que alguns actos, que o publico olha só pelas apparencias, façam recahir o odioso, sobre o sr. governador civil d'onde parecem dimanar.

Crémos que o sr. governador civil, pensará como deve e que se pezar a sua boa reputação não deixará de olhar com alguma consideração para o que lhe apontamos, afugentando para longe de si essas sanguessugas que tanto concorrem para o descre-

dito de s. ex.^a e do elevado cargo que occupa.

Não deixaremos o nosso posto porque temos a segurança da nossa consciencia para dizer-mos alto e em bom som ao sr. governador civil que não queremos que as suas acções beneficicas tantas vezes repetidas para com esta terra sejam atalhadas e pervertidas por esses mercenarios que agora saúdam a v. ex.^a mas é para lhes abrir o cofre das graças e satisfazer-lhe os seus desordenados appetites, e logo que s. ex.^a deixe de o fazer esperaloha a mesma sorte que ao administrador d'este concelho cuja honestidade tanto os incommoda, sendo porisso que elles não deixam de pedir a sua demissão, esperando a todos os momentos o prazer da vingança pelo inaudito crime de lhe tapar as fauces. Repetimos é a sorte que espera a v. ex.^a se seguir o mesmo caminho. São d'aquelles que só mostram a cara prazenteira para o sol quando está no seu esplendor e viram as costas quando o vém declinar no occidente.

SECÇÃO NOTICIOSA

Amor filial—Procurou-nos o nosso digno empregado José Joaquim Lopes da Silva a fim de sermos interprete dos seus sentimentos de gratidão para com todas as pessoas que cooperaram para debelar o incendio que se manifestou no dia 19 de fevereiro passado, na casa habitada por seu pae, o sr. Pedro José Lopes; contou-nos o estado lastimoso das suas precarias circumstancias e pede-nos enternecido por piedoso amor filial, que, em seu nome, abramos n'este lugar, uma subscrição pelos seus amigos a fim de, com o seu producto, satisfazer promptas necessidades com que lacram seu pae e irmãos.

Cumprimos o nosso dever. A subscrição fica aberta na administração d'este jornal.

Folha da Manhã	4:500
Commendador José Joaquim de Faria Machado	4:500
Anonymo d'esta villa	1:000
Parocho de Charente	500
Anonymo d'esta villa	1:000
Francisco J. Beato d'Oliveira	500
Anonymo d'esta villa	1:200
Anonymo d'esta villa	4:500
Anonymo d'esta villa (Campo dos Touros)	1:000

Quinta-feira Santa—A meza da Santa Casa da Misericordia d'esta villa prepara-se para que a procissão que n'aquelle dia costuma sair, vá com todo o luzimento e esplendor digno do acto que representa, sobresaindo o mais possível ás dos annos anteriores. Ao recolher da procissão subirá ao pulpito o abalizado orador sagrado dr. José dos Santos Junior, abade de S. João de Lobrigos, do concelho de St.^a Martha de Penna Guião.

Os creditos que precedem este distincto pregador e a sua alevantada e brilhante phrase foram os titulos recommendaveis a escolha de tão respeitavel como digno ecclesiastico.

Te-Deum—Em desafronta ao S. S. pela acção sacrilega praticado em Lisboa por uns pifios garotos, no acto da communhão, solemnizar-se-ha amanhã na igreja da Ordem 3.^a d'esta villa, missa cantada a grande instrumental, exposição do Sacra-

mento e sermão de tarde, pelo reverendo abade de Poiães.

Chegada—Está n'esta villa o nosso digno representante em côrtes, exm.^o sr. dr. José d'Abreu do Couto d'Amorim Novaes.

S. ex.^a conta demorar-se até depois das ferias da Paschoa.

Obito—Falleceu em Lisboa o abastado capitalista sr. João Paulo Cordeiro.

A sua fortuna calculada em 3 mil contos é dividida em testamento por todos os seus amigos.

Damos-te os parabens, leitor amigo, se tambem foste dos contemplados.

Plano Inclinado funicular—Annuncia-se para o dia 25 do actual, a inauguração do plano inclinado funicular, no Bom Jesus do Monte em Braga.

As experiencias deram resultados satisfactorios, resolvendo a commissão de engenheiros não haver inconveniente algum em ser aberto á exploração no dia indicado.

Braga conta mais este melhoramento utilissimo devido á iniciativa d'um genio altamente emprehendedor.

Os nossos parabens.

Confessores—Hoje de tarde haverá confissões e amanhã communhão geral a todas as pessoas que se apresentem devidamente preparadas, no templo da Ordem 3.^a de S. Francisco.

Sentimos—Está gravemente doente em Lisboa, a sr.^a duqueza de Saldanha.

Logistas de Braga—Constante ao escrivão de fazenda de Braga, que, para um estabelecimento de mercearia d'aquella cidade havia entrado grande porção de arroz, subtraido aos direitos do real d'agua, mandou proceder ao respectivo varejo na casa que lhe indicou a denuncia.

Alguem, querendo servir-se d'esta diligencia para fins politicos, tratou de propalar que o varejo seria geral, e os logistas que ignoravam a causa do varejo, fecharam as portas.

A Associação Commercial reuniu logo, e depois de trocadas as explicações devidas, tranquilizaram-se os animos, voltando-se a pagina dos acontecimentos com paragrapho novo.

Esse alguem deve estar fulo por se lhe terem gorado, com a verdade, os premios que devia receber se desse resultado a pavorosa.

Na verdade é de ter ferro, o levar surriada.

Anniversario—A Real Associação Humanitaria de Socorros Barcelinense mandou resar, no dia 21 do corrente, segundo anniversario da sua instalação, uma missa pelo eterno descanço dos seus consocios fallecidos.

A missa foi resada na parochial igreja de Barcelinhos sendo celebrante o reverendo Capellão da Caza Real exm.^o sr. João Baptista da Silva, achando-se presentes muitos associados e algumas familias dos socios fallecidos.

Lausperenne—Na segunda feira passada houve exposição do Sacramento na igreja da veneravel ordem 3.^a de S. Francisco n'esta villa, a expensas e por voto da exm.^a sr.^a Duqueza de Saldanha.

Novo jornal—Recebemos o 1.^o numero do jornal «A Folha de Braga», este novo collega, a quem desejamos vida prospera e longa, apresentando-se de viceira erguida, promette ser «crasadamente independente, isento de affeições partidarias», e «sem o minimo vislumbre de paixão politica».

Avante.

Diploma—Já foi entregue á Direcção da Real Associação Humanitaria de Barcelinhos, o diploma que lhe confere aquelle titulo.

Ah! Ah! Ah!—Ouvimos á bocca pequena que um dos mem-

bro da commissão que foi a Lisboa representar esta villa, nas exequias do prelado de Vizeu se estendera d'uma maneira ridicula, indecente e impropria, valendo-lhe uma replica vigorosa e severa a que vinha accorretada uma gargalheira d'ago que fez conter os impetos de tão desmedida loquacidade, lembrando ao sujeito (ao que fallou) quaes os limites da accusação, reprehendendo-lhe asperamente a insidia e mostrando-lhe o campo da lealdade aonde se honram de pelear os que são dignos.

O typo entupiu deveras e tremulo receoso, palpitante e corrido de vergonha (vergonha é um modo de dizer) espalha um olhar colerico pelos circumstantes e hurra no meio da sua confusão, voltando-se para um dos lados da sala:

—Senhores jurados!

Aqui rompeu sonora gargalhada, o Saltão tocou-lhe no braço, os outros sumiram-se e o continuo do orador uma panella velha, que Dom Rodrigo arrasta até Barcellos.

Pobre Rigoletto, infeliz Polichinello!

A pesteridade encarregar-se-ha de te erigir além na Barca um monumento de papel pardo.

Movimento da cadeia—Durante a semana finda deram entrada nas cadeias d'esta villa os seguintes individuos:

Manoel Rodrigues, da freguezia de Paranhos.

Paulino da Silva, de Ribeirão.

João Rodrigues e Manoel José F. Lisboa, ambos d'esta villa.

Passos de Manhente—Foram concorridissimos os Passos em Manhente, reinando sempre o maior socego.

Consta que se deram alguns roubos de pequena importancia.

SECÇÃO LITTERARIA

Realidade

AO EX.^{mo} SR. J. C. V. DE A.

Quando o astro da noite
Vem a terra alumiar,
O scepticismo da vida
Vem minha crença matar;
E a serpente da duvida
Com o seu veneno letal,
Vem enroscar-se em minha alma,
Matando o meu ideal!

Já amei... já tive crenças
E muita fé no por-uir!
Já tive fé n'esta vida,
Na mocidade ao sorrir!
Já sonhei com a gloria,
Já sonhei com a ventura!
Hoje... sonho tão sómente
Com a paz da sepultura.

A vida... que vale a vida
N'este mundo enganador,
Onde a virtude é crime
Onde o vicio é senhor?!
Torpezas, crimes nefandos
São do mundo a fidalguia!
Até na igreja soluça
A mais negra hypocrisia!

A vida é drama de dores,
E' corrupção, é abysmo;
Tão sómente n'ella existe
O demonio do cynismo!
N'ella o homem de talento
Soffre dores e privações;
Vê fugir uma por uma
As mais santas illusões.

No batel do meu destino
Navego sem uma esperança!
No mar raivoso da vida
Navego sem ter bonança!
A minha vida é poema
Da mais triste desventura...
Em cada folha um suspiro,
Repassado d'amargura!

CORRESPONDENCIAS

CARTAS SEMANAES

Porto, 21 DE MARÇO

Conforme prometti ao sr. Raul, concluo hoje a minha apreciação acerca do que a respeito do discurso do sr. dr. José Novaes, escreveu o jornal que abi se publica «O Barcelense».

Eu creio que a Algures, d'onde escreve o sr. Raul, não chega, muitas vezes, aquelle jornal, porque se assim fosse, talvez não viesse á imprensa com o seu communicado; porque teria lido o «Barcelense» e por isso, teria formado juizo seguro do modo de pensar e de sentir da sua redacção na apreciação dos factos e como ella costuma avaliar os individuos que não perfilham as suas ideias politicas.

Já na minha carta ultima disse ao sr. Raul que não havia, nem pôde haver, termo de comparação possível entre o que escreveu o «Barcelense» e o que escreveu o «Diario da Manhã» com referencia ao discurso do nobre deputado.

E não ha; prove-me o contrario aquelle que tem o brio e a lealdade no seu logar, que eu por satisfeito me darei.

O que o «Barcelense» escreveu pôde ter livre curso, como diz o insigne romancista Camillo C. Branco—no calão aonde a biltraria se decompõe; agora entre individuos que se presam e que veem na sua gravata mais que um simples adorno; isso não pôde ser, porque elles tem uma palavra para classificar tão indigno procedimento, palavra que eu me abstenho de escrever aqui.

Eu li o que aquella bruxuleante luminaria progressista escreveu a respeito do discurso do sr. dr. Novaes e, creia o sr. Raul que não me fez mossa no espirito; como sabia que havia padro na redacção, disse para comigo:—elle appliche a oitava bemaventurança, inclue-se no numero e ficam todos em paz com a sua critica e com a sua consciencia

Isto com referencia a lealdade partidaria, agora com lealdade jornalística, vae ver o sr. Raul o que aquella gente valle.

Tenha a bondade de procurar o n.^o 33 correspondente a 5 de janeiro do corrente anno.

Nesse numero encontrará no noticiario sob a epigraphe—O Usurario—um pedaço de oiro roubado arditosamente a um artigo publicado no «Commercio do Porto» pelo notavel publicista Rodrigues do Freitas, e que a redacção do «Barcelense» impudicamente quer impingir ao publico como obra de sua casa.

Como se aquelles hatucudos fossem capazes de escrever aquillo!

Mas o escandalo não está ainda aqui; o escandalo está em que, em seguida a esta ladroeira litteraria, publicam uma noticia sob a epigraphe—Authentico—noticia que não tem importancia alguma, mas que no final d'ella escreveram:—(Do P. de Janeiro)!!

Em vista d'isto tem o sr. Raul motivos para justificar o seu communicado?

De certo que não.

Mas ha mais.

Tenha paciencia, sr. Raul, acompanhe-me n'esta cruzada de desmascarar estes patifes da imprensa diante dos quaes fugiu espavorido o sentimento da propria dignidade.

Falla o n.^o 30, de dezembro do anno proximo findo.

Leia o sr. Raul o artigo de fundo d'esse n.^o e depois da sua leitura se me provar que, desde que existe imprensa periodica ha maior estupidez do que aquella, compro a férula e aqui tem as minhas mãos.

COMPANHIA

DE

NAVEGAÇÃO



A VAPOR

DE LIVERPOOL, PARA OS PORTOS DO BRAZIL E RIO DA PRATA

Debaixo de contrato postal com os governos de SS. MM. do Brazil e Grã-Bretanha, para a condução das malas

A SAHIR DUAS VEZES POR MEZ

Com excellentes accommodações para passageiros de 1.ª e 3.ª classe

Estes paquetes recebem passageiros por trahordo do Rio de Janeiro, para **Paranaguá, Santa Catharina, Rio Grande do Sul e Porto Alegre**

PREÇOS REDUZIDOS

PARA	1.ª CLASSE	3.ª CLASSE
Bahia.....	72\$000	36\$000
Rio de Janeiro.....	81\$000	36\$000
Santos.....	90\$000	40\$500

Incluindo cama, roupa de cama, boa comida á portugueza, vinho, assistencia medica e serviço de criados.

Caminho de ferro do Porto a Lisboa na classe respectiva **Gratis**

Palacete—a sair em 5 de outubro para a Bahia, Rio de Janeiro e Santos

Para passagens ou mais esclarecimentos, com

A. J. SHORE &

C. Agente

57, rua dos Inglezes, Porto. Em Barcellos—Rua Direita n.º 55. (3)

COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO A VAPOR DO PACIFICO

CARREIRA QUINZENAL

Para o Rio de Janeiro, Montevideo, Buenos-Ayres, Valparaiso, Arica, Islay e Callão, tocando alternadamente em Pernambuco e Bahia

PAQUETES A SAIR DE LISBOA, ÀS 3.ª FEIRAS, DE 15 EM 15 DIAS

Gallcia..... Em 9 de setembro—Em direitura ao Rio de Janeiro
Valparaizo. » 23 » —Com escala por Pernambuco e Bahia
Potosi..... » 7 de outubro —Em direitura ao Rio de Janeiro

GRANDE REDUCCÃO DE PREÇOS NOS MAGNIFICOS VAPORES D'ESTA COMPANHIA PARA CLASSES

	3.ª	2.ª	1.ª
Pernambuco.....	40:000	67:500	90:000
Bahia.....	40:000	67:500	99:000
Rio de Janeiro.....	40:500	81:000	112:500
Montevideo.....	49:500	90:000	135:000
Valparaizo.....	90:000	202:500	301:500
Arica.....	90:000	207:000	315:000
Islay e Callão.....	90:000	225:000	337:500

Sem augmento nos preços das passagens os passageiros que pela primeira vez vão para o império do Brazil, poderão seguir, querendo, para Santos, S. Paulo, Campinas, Santa Catharina, Porto-Alegre, ou para qualquer porto principal no litoral do Brazil, sendo sustentados no Rio de Janeiro durante o tempo que tenham de demorar-se allí á espera de transporte para o porto á que se destinam.

A passagem para Lisboa no caminho de ferro, é gratis

AGENTES—Em Lisboa: E. Pinto Basto & C.ª, Caes do Sodré, 64
 —No Porto: Vasco Ferreira Pinto Basto, Largo de S. João Novo, 10.

Prestam-se todos os esclarecimentos e dão-se bilhetes de passagem nas gancias e nas terras onde a Companhia tem correspondentes.

Barcellos—O sr. Bento Augusto da Silva Cardoso. (32)

VINHOS

ENGAR-



RAFADOS

Unico deposito onde se vendem n'esta vinhos da

COMPANHIA DO ALTO DOURO

desde vinhos de meza de 5.ª qualidade até vinhos superiores. Rua Direita n.º 55. (1)

VINHOS MADUROS ENGARRAFADOS

29, Campo da Feira, 29

Manoel José de Souza, participa a seus amigos e freguezes que junto ao seu estabelecimento de mercearia, continua a ter grande sortimento de vinhos finos, de diferentes qualidades.

Empresta dinheiro sobre ouro, roupas e moveis—a juro rasoaavel. (287)

RUA DIREITA N.º 1, BARCELLOS

COMPANHIA UNIAO POPULAR PENHORISTA

SUCCESSAL

IMPRESA CAMÕES

LARGO DO APOIO

José Joaquim Lopes da Silva encartega-se de imprimir **Cartas circulares, Bilhetes de visita, Facturas commerciaes, Convites para enterros, Editaes, Avizes para pagamento, Mappas, Es-tatutos de irmandades ou assemblias, Ordens de pagamento e quaesquer outros trabalhos da sua arte, de que garante a nitidez e modicidade nos preços.**

Tracta-se n'esta typographia com o annunciante.

FABRICA DE CONSERVAS ALIMENTICIAS

LUZO-BRAZILEIRO

DE

C. MENERES & C.ª

PORTO

Deposito em Barcellos no estabelecimento de Francisco José Bento d'Oliveira, rua Direita n.º 55.

Tem grande variedade em compota de fructas, fructa secca, doces, legumes, e conservas de carnes, peixes e mariscos.

Preços baratissimos. (2)

PAQUETES PARA O BRAZIL

SAHINDO UM-NOS DIAS 6, 7, 12, 21, 23, 24 E 26 DE CADA MEZ PARA PERNAMBUCO, BAHIA, RIO DE JANEIRO, SANTOS, PARA, MARANHÃO E CEARÁ

Grande reduccão de preços

O serviço é feito em vapores de companhias francezas, inglezas e allemães. Da-se aos passageiros excellent tratamento comida, vinho, beliche; e todos os paquetes tem medico a bordo e criados portuguezes.

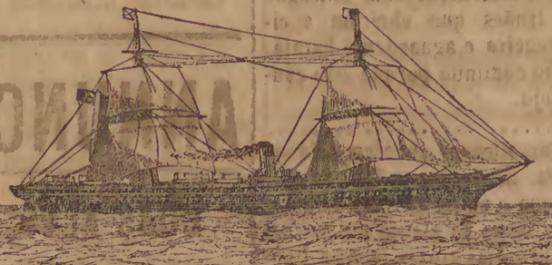
TRATA-SE NO LARGO DA CRUZ N.º 6 COM

LAGO FORTE & C.ª

(418)



MALA REAL INGLEZA



LINHIA DE PAQUETES A VAPOR

PARA OS PORTOS DO BRAZIL E RIO DA PRATA

Em 3 de cada mez sahirá DE LISBOA um dos paquetes d'esta companhia para o Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos-Ayres.

Em 13 para S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Santos.

Em 28 para Pernambuco, Maceió, Bahia, Rio de Janeiro e Santos.

Acceitam-se passagens a pagar a praso.

A experiencia de mais de 28 annos tem feito com que os paquetes d'esta companhia (a mais antiga na carreira do Brazil) sejam conhecidos pela regularidade, velocidade e segurança excepcional; além d'isso pela limpeza, boa ordem, bom tratamento e accommodações a bordo; e pelos melhoramentos mais modernos tanto para a hygiene como para a commodidade dos passageiros.

A bordo dos paquetes da MALA REAL INGLEZA, os passageiros tem gratis cama, roupa de cama, comida cosinhada por cosinheiros portuguezes, vinho 2 vezes por dia, assistencia medica, serviço de criados e outras despesas, assim como o transporte de comboyo de Barcellos até Lisboa.

Trata-se no Porto na rua dos Inglezes n.º 23 e em Barcellos com

MANOEL ANTONIO ESTEVES (14)